

Dicionários de línguas minoritárias de matriz alemã: características, finalidades e contribuições

Rafaela Radünz Lazzari¹

Cléo Vilson Altenhofen²

Resumo: Dicionários são uma ferramenta de registro e ensino de línguas e podem, além disso, auxiliar na manutenção de línguas minoritárias. No Brasil, além das línguas indígenas e afro-brasileiras, estão entre as línguas minoritárias as chamadas línguas de imigração, incluindo as de matriz alemã. Tanto aqui no Brasil quanto em outros países existem esforços para compilar dicionários dessa natureza, que servem ao propósito comum de subsidiar a escrita e o registro do léxico da língua. A fim de identificar a amplitude com que se têm disponíveis essas ferramentas, busca-se, neste artigo, fazer um levantamento de alguns dicionários publicados. Seus componentes são analisados a partir de fundamentos da Lexicografia, de forma a melhor entender o trabalho feito pelos compiladores. Apesar de a maioria dos dicionários abordados precisar de um melhor embasamento teórico lexicográfico, isso não diminui o tamanho dos esforços dos compiladores ao querer apresentar sua língua e cultura para o mundo.

Palavras-chave: língua de imigração; dicionários; Lexicografia.

Zusammenfassung: Wörterbücher sind ein Werkzeug zur Erfassung und zum Unterrichten von Sprachen und können darüber hinaus zur Erhaltung von Minderheitensprachen beitragen. In Brasilien gehören neben den indigenen und afro-brasilianischen Sprachen auch die sogenannten Einwanderersprachen, darunter auch solche deutscher Herkunft, zu den Minderheitensprachen. Sowohl hier in Brasilien als auch in anderen Ländern gibt es Bestrebungen, Wörterbücher dieser Art zu erstellen, die dem gemeinsamen Zweck dienen, das Schreiben und die Erfassung des Wortschatzes der Sprache zu unterstützen. Um den Umfang der verfügbaren Werkzeuge zu ermitteln, wurde in diesem Artikel versucht, eine Übersicht über einige diese veröffentlichten Wörterbücher zu erstellen. Ihre Bestandteile werden auf der Grundlage der Lexikografie analysiert, um die Arbeit der Verfasser besser zu verstehen. Obwohl die meisten der behandelten Wörterbücher eine bessere lexikografische Grundlage benötigen, schmälert dies nicht die Bemühungen der Verfasser, ihre Sprache und Kultur der Welt präsentieren zu wollen.

Schlüsselwörter: Einwanderersprache; Wörterbücher; Lexikografie.

¹ Mestranda em Estudos da Linguagem (Sociolinguística) no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS (PPGLET/UFRGS). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: rafaelalazzari@hotmail.com. ORCID ID: 0009-0004-6497-8814.

² Professor titular da área de Língua Alemã do Instituto de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras, linha de pesquisa de Sociolinguística, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Coordenador do macroprojeto Atlas Linguísticos das Minorias Alemãs da Bacia do Prata (ALMA). E-mail: cleo.altenhofen@ufrgs.br. ORCID ID: 0000-0002-7465-6542.

Introdução

Dicionários, além de serem um material essencial para o aprendizado e para a produção de textos em uma determinada língua, também servem como forma de registrar os usos dessa língua no momento de sua compilação. Nesse sentido, um dicionário pode ser uma ferramenta importante para a manutenção, promoção e revitalização de línguas minoritárias, assim como para o seu ensino e a sua transmissão.

Línguas minoritárias podem ser definidas como “modalidade de línguas ou variedades usadas à margem ou ao lado de uma língua (majoritária) dominante” (Altenhofen, 2013, p. 94). Assim, elas são as línguas que existem de forma periférica às ditas línguas majoritárias, sendo entendidas principalmente a partir de seu *status* político, “muito mais do que pela sua ‘representação numérica’ ou pelo ‘*status social*’ de seus falantes” (Altenhofen, 2013, p. 94).

Incluem-se na categoria de línguas minoritárias as chamadas línguas de imigração. Conforme Seiffert (2009 *apud* Altenhofen; Morello, 2013, p. 19), em um levantamento feito em 2008 pelo Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística (IPOL), constatou-se que existem no Brasil 51 línguas de imigração. Já Altenhofen (2013) contabiliza 56 línguas de imigração em seu levantamento e sua lista, dentre essas, treze são classificadas como línguas de matriz alemã no Brasil. São elas: alemão (Hochdeutsch); austríaco; bávaro; boêmio; bucovino; Hunsrückisch; Kaffee flickersch; Plautdietsch menonita; pomerano; suábio; suíço; vestfaliano; e Wolgadeutsch.

Apesar do grande número de línguas de imigração, junto com as línguas indígenas e as afro-brasileiras, essa diversidade linguística representa uma fatia extremamente pequena da população brasileira: menos de 1% ainda fala esse tipo de língua (Altenhofen; Morello, 2013). Mesmo sendo uma quantidade pequena de falantes, é importante que haja esforços para a preservação e continuidade dessas línguas. Conforme Altenhofen e Morello (2013, p. 20),

[...] a perda de uma língua, como de qualquer outro patrimônio cultural imaterial, representa um problema que diz respeito não apenas aos cidadãos que detêm ou que estão responsáveis pela salvaguarda desse patrimônio, mas também da sociedade majoritária, que perde nuances significativas da sua constituição, e do Estado democrático que se configura como “um Estado de todos”.

Com um número tão pequeno de falantes, pode ser difícil produzir e encontrar materiais que auxiliem na preservação e no ensino dessas línguas. Isso não diminui os esforços em organizar dicionários de algumas delas, não só aqui no Brasil, como em

outros países que também possuem línguas de matriz alemã, incluindo a própria Alemanha.

A respeito do Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL), política do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), Altenhofen e Morello (2013, p. 21) argumentam que esse tipo de esforço não deve se limitar apenas a documentar línguas, mas promover “práticas e pedagogias, voltadas para as línguas minoritárias, que conduzam a novas formas de relações entre as línguas e dos falantes com seus saberes”. Dicionários são bastante úteis para esses propósitos, sendo seu objetivo principal auxiliar falantes e não falantes (dependendo do tipo de dicionário) a compreender e produzir em determinada língua.

Neste artigo, tem-se como propósito o levantamento de alguns desses dicionários como forma de reunir informações em um lugar só e, assim, facilitar a pesquisa de quem procura por esse tipo de material. A escolha do tema, focando em dicionários de línguas de matriz alemã, está relacionada com a futura dissertação de mestrado da autora, que pretende organizar um dicionário temático de Hunsrückisch focado no léxico de enfermidades e seus tratamentos. Uma análise desses materiais permite ter uma noção de como são organizados dicionários bilíngues ou trilíngues de línguas minoritárias.

Para fazer esse levantamento, foram selecionados seis dicionários bilíngues ou trilíngues disponíveis, com os quais se teve contato no acervo do projeto Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata (ALMA), na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Apesar de a maioria desses dicionários carecer de um melhor embasamento teórico lexicográfico, eles ainda trazem informações valiosas sobre as línguas que contemplam. Vários desses dicionários não trazem apenas a tradução do vocabulário, mas também suas formas de uso, assim como diversas informações culturais de valor significativo. Isso demonstra a sua importância e a dos esforços dos compiladores que encararam a imensa tarefa de apresentar sua língua e cultura para o mundo.

A seguir, estabelece-se primeiro uma fundamentação teórica de base lexicográfica; na sequência, os dicionários são apresentados e discutidos; por último, seguem-se as considerações finais.

Fundamentação teórica

Normalmente, a decisão por parte de uma editora de produzir um novo dicionário é feita analisando lacunas no mercado (Atkins; Rundell, 2008). Esse não é o caso, entretanto, de dicionários de línguas minoritárias, que, devido ao número reduzido

de falantes, dificilmente serão um sucesso comercial da mesma forma que um dicionário de, por exemplo, português – apesar de sua especificidade também trazer certa visibilidade. De qualquer forma, esses dicionários também precisam ser feitos seguindo um embasamento teórico para assegurar sua qualidade, de forma a conseguir atender com eficiência seu público-alvo.

Os dicionários selecionados para este levantamento são todos semasiológicos, isto é, partem do significante com o objetivo principal de fornecer significados (Bugueño Miranda; Farias, 2011). Dicionários desse tipo costumam apresentar quatro componentes canônicos: o *front matter*, a macroestrutura, a medioestrutura e a microestrutura (Bugueño Miranda, 2019). Às vezes, também apresentam outros elementos, como um *back matter*.

Quando um consulente abre um dicionário, a primeira coisa com que se depara é o *front matter*. Ele tem uma função de grande importância, sendo o local onde o usuário é informado sobre qual é o público-alvo do dicionário, qual é sua função, e como usá-lo, servindo também como um manual de instruções (Bugueño Miranda, 2019). É normal que dicionários incluam outros conteúdos no *front matter* (ou no *back matter*), como tabelas de conjugação, mapas, textos curtos etc., dependendo dos objetivos estabelecidos.

A macroestrutura, por sua vez, é “uma estrutura de ordenação que exhibe os lemas como elementos orientadores dos verbetes do dicionário de uma maneira específica”³ (Gouws, 2017, p. 48). Em dicionários semasiológicos, os lemas são organizados em ordem alfabética (Bugueño Miranda, 2019, p. 14), “em ordem vertical e o acesso típico prosseguirá para baixo, começando no topo da página”⁴ (Gouws, 2017, p. 48). A escolha de uma organização da macroestrutura que condiga com os objetivos do dicionário permite aos consulentes navegar por ele e encontrar a informação que procuram com mais facilidade.

Por questões de espaço, às vezes, a macroestrutura se desvia da ordem alfabética, sendo complementada por um ordenamento horizontal, tendo-se assim um nicho léxico – em que os lemas são organizados em ordem alfabética – ou ninho léxico – em que os lemas são agrupados horizontalmente com base morfossemântica e, conseqüentemente, desviam-se da ordem alfabética (Gouws, 2017). Esse tipo de estrutura diminui o espaço utilizado para o dicionário, mas dificulta a acessibilidade se comparado com um dicionário de estrutura lisa (Gouws, 2017) – como é o caso do

³ [...] an ordering structure that displays the lemmata as guiding elements of dictionary articles in a specific way [tradução nossa].

⁴ [...] in a vertical order and the typical access will proceed downwards starting at the top of a page [tradução nossa].

dicionário monolíngue do alemão *Duden* (2013), que apenas lista todos os lemas um abaixo do outro.

Nesse exemplo da língua alemã, vê-se a priorização da acessibilidade, principalmente por se tratar de uma língua com “uma forte tendência à criação de compostos” (Bugueño Miranda, 2014, p. 217), e estes ocuparem espaço, em especial quando dispostos em uma estrutura lisa. “Um dicionário é como um ecossistema”⁵ (Atkins; Rundell, 2008, p. 20), principalmente dicionários impressos: escolher usar mais espaço para uma coisa significa escolher usar menos espaço para outra, e é importante que essas escolhas sejam feitas segundo os objetivos que se têm para o material.

A medioestrutura, por sua vez, trata do sistema de remissões e “diz respeito aos princípios, mecanismos e funções que se realizam quando há uma indicação de se procurar uma determinada informação em outra parte do dicionário” (Bugueño Miranda, 2019, p. 15). Ela é importante para evitar a repetição de informações e economizar espaço no dicionário, redirecionando o consulente para onde está a informação que procura.

Por último, a microestrutura é organizada horizontalmente e “deve fornecer ao menos dois tipos de informações” (Bugueño Miranda; Farias, 2011, p. 46): um comentário de forma “acerca do lema enquanto significante” e um comentário semântico sobre o “signo-lema enquanto significado” (Bugueño Miranda, 2019, p. 15). O primeiro faz referência à ortografia e se encontra no próprio signo-lema, enquanto o segundo são informações sobre sua significação, geralmente na forma de uma paráfrase explanatória (Bugueño Miranda; Farias, 2011; Bugueño Miranda, 2019).

Farias (2019, p. 120) prefere o uso do termo “paráfrase” em vez de “definição”, por considerar este último ambíguo, uma vez que pode se referir tanto ao “ato de definir” quanto ao “produto/resultado do ato de definir”, enquanto “paráfrase” diz respeito apenas ao segundo. Porém, considerando dicionários bilíngues, o normal é fazer uso de uma estrutura de equivalência, que apresenta dois aspectos: a eliminação de distinções de significado que também se encontram no equivalente na língua-alvo, e a introdução de novas distinções para melhor correspondência entre os itens lexicais das duas línguas (Lew, 2022).

Algumas palavras, entretanto, não possuem equivalentes em outras línguas. *Realia*, de acordo com Dubois *et al.* (2000 *apud* Bugueño Miranda, 2010, p. 67), são “os termos de uma língua estrangeira que se referem a uma realidade particular a tal ou

⁵ *A dictionary is like an eco-system* [tradução nossa].

tal cultura”. Nesses casos, ou quando apenas um equivalente não é elucidativo o suficiente, dicionários bilíngues fazem uso de paráfrases (Lew, 2022). Esse segundo caso pode acontecer porque “cada língua apresenta uma organização absolutamente única em todos os seus níveis de estruturação, isto é, no plano fonético-fonológico, no plano léxico e no plano morfo-sintático” (Bugueño Miranda, 2010, p. 66); assim, há casos em que apenas o equivalente não basta sem informações sobre o uso das palavras.

As informações extras necessárias ao usuário dependem de qual fonte este está consultando: o dicionário ativo (L_1 para a L_2) ou o dicionário passivo (L_2 para L_1). Conforme Bugueño Miranda (2010, p. 77), normalmente

[...] um dicionário ativo é macroestruturalmente enxuto e microestruturalmente denso. Por sua vez, um dicionário passivo é macroestruturalmente denso e microestruturalmente enxuto, devido às competências linguísticas diferenciadas entre L_1 – L_2 , que o usuário possui.

Em outras palavras, o consulente não precisa de informações sobre o uso de palavras em sua L_1 , mas sim na L_2 .

Na seção a seguir, são apresentados os dicionários selecionados para este levantamento, procedendo-se, em seguida, à análise individual de cada um.

Os dicionários

Para o levantamento bibliográfico aqui proposto, foram escolhidos seis dicionários, aos quais se teve acesso. Todos eles são dicionários ao menos bilíngues – em dois casos, trilingues –, que representam alguma língua minoritária de matriz alemã e apresentam sua relação de equivalência com uma (ou mais) línguas majoritárias: alemão (padrão), português e inglês. O Quadro 1, a seguir, lista os dicionários a serem analisados:

Quadro 1 – Lista dos dicionários selecionados

Dicionário	Publicação	País	Línguas
Wörterbuch der obersächsischen Mundarten: Band 3 L–R	1994	Alemanha	Alto-saxão (<i>Obersächsisch</i>) – alemão-padrão
Wörterbuch der obersächsischen Mundarten: Band 2 G–K	2003	Alemanha	Alto-saxão (<i>Obersächsisch</i>) – alemão-padrão
Dicionário da Língua Westfaliana Brasileira	2019	Brasil	Westfaliano – alemão-padrão – português

Dicionário	Publicação	País	Línguas
Mennonite Low German Dictionary	2003	Estados Unidos	Menonita (<i>Mennonite Low German</i>) – inglês
Dicionário Português-Renano ("Hunsrückisch")	2014	Brasil	Renano (<i>Hunsrückisch</i>) – português
Abrided Pennsylvania German Dictionary	1970	Estados Unidos	Alemão da Pensilvânia (<i>Pennsylvania German</i>) – inglês

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Como se pode ver, exceto pelos dois primeiros dicionários – que são diferentes volumes de um mesmo dicionário publicados com quase uma década de intervalo –, cada um dos dicionários trata de línguas distintas. Isso foi pensado como forma de chamar a atenção para a diversidade linguística que existe dentro das línguas de matriz alemã para além do alemão-padrão.

A seleção dos dicionários não procura ser exaustiva. Existem, por exemplo, diversos outros dedicados a variedades do *Hunsrückisch*, como os dicionários alemães de Diener (1971), Müller (1931-1971) e Scherer (2004), e os brasileiros de Wallauer (2022) e Richter (2024). O dicionário de Kuster-Cid *et al.* (2014) foi escolhido observar como um dicionário com base metodológica menos acadêmica – como também é o caso do dicionário de vestfaliano – foi estruturado, em comparação com os demais listados no Quadro 1. Um cotejo com outros dicionários de *Hunsrückisch* seria interessante, mas não foi feito por questões de tempo.

Além disso, não está presente na análise nenhum dicionário de variedades do pomerano, como os de Schneider (2019), Tressmann (2006) e Tressmann (2024), publicados no Brasil, e de Herrmann-Winter (2017), na Alemanha. Esses também foram deixados de lado, por ora, em razão de limitações de tempo, mas com a perspectiva de uma comparação futura entre eles.

A seguir, são analisados individualmente cada um dos dicionários selecionados, procurando avaliar que tipo de informações buscam apresentar, para qual público-alvo, e se têm sucesso nos objetivos aos quais eles se propõem.

Wörterbuch der obersächsischen Mundarten

O *Wörterbuch der obersächsischen Mundarten* (1994) começou a ser compilado em 1955, pela *Sächsische Akademie der Wissenschaften* [Academia de Ciências da Saxônia], em Leipzig. Ele se divide em quatro partes: o volume 3 (L-R) foi publicado em 1994; o volume 4 (S-Z), em 1996; o volume 1 (A-F), em 1998; e, por último, o volume 2

(G-K), em 2003. No volume 3, explica-se a estranha ordem de publicação: foi preferido não começar com palavras com sufixos como *ab-*, *an-*, *aus-*, podendo assim cobrir primeiro palavras do vocabulário básico (Bergmann et al., 1994). Estão disponíveis no acervo ALMA/UFRGS os volumes 2 e 3, que são descritos aqui.

Explicações sobre abreviaturas e outras informações importantes sobre o dicionário aparecem apenas no *front matter* do volume 3, o que faz sentido se o consulente tem todos os volumes à sua disposição, pois essa escolha economiza espaço no dicionário. Por outro lado, isso dificulta o uso caso o consulente não tenha o volume 3, tanto que o volume 2 começa avisando que “ao ler e usar o dicionário, você deve sempre ter o volume 3 [...] em mãos”⁶ (Bergmann et al., 2003, p. V).

O *front matter* do volume 3 contém uma introdução, abreviações, mapas e sua bibliografia. Na introdução, afirma-se que o objetivo do dicionário é conscientizar sobre a importância cultural e histórica da língua e combater preconceitos (Bergmann et al., 1994). A introdução também relata a história da criação do dicionário, cujo maior valor para um possível usuário é, ao relatar sua metodologia, confirmar que o léxico apresentado no dicionário é de uso real, reunido por meio de questionários com falantes, apreciação de literatura científica e de ficção escrita na língua etc.

O volume também traz informações etimológicas de vez em quando. Assim, o consulente não precisa se preocupar se algum dos verbetes contém palavras antiquadas ou arcaicas, e o dicionário economiza espaço, não precisando indicar se as palavras ainda estão em uso no momento da publicação. Porém, o material possui lacunas quando se trata de termos técnicos (Bergmann et al., 1994), sendo assim um dicionário que acaba se mostrando mais voltado para a língua geral.

Além disso, a introdução da obra explica como é feito o ordenamento alfabético (*ß*, por exemplo, é tratado como *ss*). Essa ordem é interrompida no caso de substantivações e verbos compostos, isto é, verbos cujo significado é alterado pela adição de um sufixo (Bergmann et al., 1994). A introdução também explica como é feito o sistema de remissões, ou seja, a medioestrutura: o dicionário faz uso de uma seta (→) para indicar outros verbetes com significado similar (Bergmann et al., 1994).

Por último, o volume 3 traz uma explicação sobre a estrutura dos verbetes, a microestrutura: são descritas as formas de representação dos casos de homonímia, as informações gramaticais relativas ao lema e às suas abreviações, bem como a

⁶ *Beim Lesen und Benutzen des Wörterbuchs sollte man also stets den 3. Band [...] zur Hand haben* [tradução nossa].

organização dos significados e das abreviações que indicam o tipo de uso da palavra (Bergmann *et al.*, 1994).

Como visto, esse dicionário traz um *front matter* bastante completo, no sentido de explicar bem ao consulente como são organizadas sua macro- e microestrutura. Essa estrutura é, de fato, refletida no restante do dicionário, o que auxilia o consulente a encontrar com mais facilidade as informações que procura.

Dicionário da Língua Westfaliana Brasileira

O *Dicionário da Língua Westfaliana Brasileira* (2019) inicia com um mapa da região do Vale do Taquari, no Rio Grande do Sul, de forma a situar o usuário no espaço de uso da língua. Já na apresentação, o autor começa introduzindo a cultura dos falantes de vestfaliano⁷ brasileiro, que é também a sua cultura, por meio de relatos de experiências pessoais com as línguas que fazem parte da sua vida.

Na introdução, são comentadas as relações entre o vestfaliano e outras línguas – incluindo o português e o contato com ele (Ahlert, 2019) –, bem como as escolhas feitas para a padronização da escrita.⁸ Essa padronização aproveita muitas das convenções e regras do alemão – já que este é ensinado nas escolas da região –, o que facilita o aprendizado da escrita e a compreensão mútua entre as línguas, sem deixar de representar a pronúncia das palavras (Ahlert, 2019). Na sequência, são descritas as principais regras de escrita e de fonética. Como os verbetes do dicionário não trazem nenhum tipo de informação fonética, essa parte do *front matter* é importante, no caso dos falantes de vestfaliano, para a consulta de uma língua que até então não tinha um padrão de escrita e, no caso dos não falantes, para saber a pronúncia das palavras.

O público-alvo são esses dois grupos: tanto falantes do vestfaliano brasileiro quanto não falantes (Ahlert, 2019). Isso constitui um problema, visto que esses dois grupos precisam de informações diferentes no dicionário. Percebe-se essa organização dos verbetes: como se trata de um dicionário trilingue, ele traz apenas os equivalentes

⁷ Von Mühlen (2025, p. 22) adota a ortografia vestfaliano ao invés de westfaliano – como usado no dicionário – por alguns motivos: “o alinhamento com a tradição de pesquisa e escrita da língua no Brasil”, a “orientação para a tradição de traduções do alemão” e a “representação, através da denominação, do vestfaliano em geral, [...] e não somente o vestfaliano falado no Vale do Taquari”. Já a escolha pela ortografia “westfaliano” está relacionada com o gentílico de Westfália (Von Mühlen, 2025, p. 23). Como o próprio dicionário se apresenta como sendo da “Língua Westfaliana Brasileira” e, em sua introdução, comenta a relação com o vestfaliano falado na Alemanha, optou-se pela ortografia com <v>.

⁸ Esse e outros aspectos do funcionamento da língua são retomados e complementados na *Gramática da língua Westfaliana Brasileira: expressões do cotidiano dos westfalianos*, publicada por Ahlert (2021).

(Figura 1), sem informações sobre quando um equivalente é usado ao invés de outro e quais são as diferenças entre seus significados. A consequência disso é que o material parece mais um dicionário voltado para falantes, já que não há informações sobre o uso das palavras. A vantagem é que o dicionário consegue trazer um número maior de verbetes; entretanto, não é uma troca boa se o consulente não sabe como usar a informação que encontrou.

Figura 1 – Equivalentes no *Dicionário da Língua Westfaliana Brasileira* (2019)

Plattdüütsk	Deutsch	Português
Äädappel	Kartoffel	batata inglesa
Äädappelpannekouken	Kartoffelpfannkuchen	panquecas de batata
Äädbiden	Erdbeeren	moranguinho
Ääden, anne Ääden, up däi Ääden	Erde, auf dem Boden	terra, no chão
ääden, beärdigen, begraben	beerdigen	enterrar
Äädlüüse	Bodentermiten	cupins
Äädlüüsenest	Termitenhügel	cupinzeiro

Fonte: Ahlert (2019, p. 31).

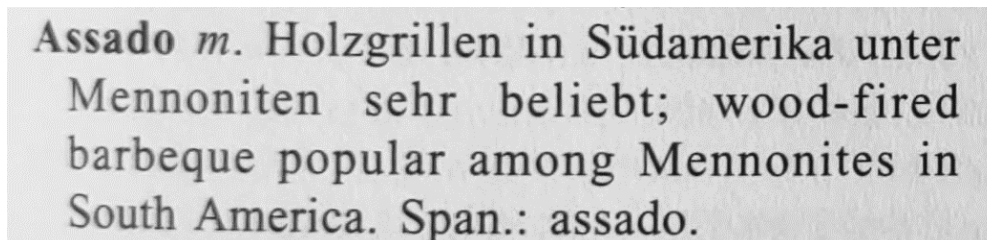
Esse dicionário também possui um *back matter* que contém informações históricas e culturais sobre o município de Westfália, provérbios e ditos populares da língua, além de textos em vestfaliano. Esses foram “reescritos [segundo as regras definidas para a língua vestfaliana brasileira] com base em textos publicados na maioria, na Alemanha, nas regiões de Tecklenburg e Osnabrück, berço dos imigrantes vestfalianos na região do Vale do Rio Taquari” (Ahlert, 2019, p. 29), procurando retratar a cultura local. Os textos servem principalmente para submergir não falantes em aspectos da língua que não são representados nos verbetes.

Mennonite Low German Dictionary

O *Mennonite Low German Dictionary* (2003) começa contando a história do baixo-alemão menonita, chegando às suas raízes indo-europeias e comentando sobre suas diferenças fonéticas com variedades do alto-alemão – parece de fato abarcar todas as variedades da língua presentes em diversos países. Isso pode ser observado na microestrutura, em que o dicionário apresenta a etimologia da palavra, indicando também empréstimos, provenientes das diversas línguas com as quais o baixo-alemão menonita entrou em contato. Um exemplo familiar a um consulente brasileiro é a palavra

“assado” (Figura 2), que aparece logo na terceira página e é indicada como sendo um empréstimo do espanhol.

Figura 2 – Verbete “assado” no *Mennonite Low German Dictionary* (2003)



Fonte: Thiessen (2003, p. 3).

A presença de variedades diferentes da língua menonita, entretanto, não é explicitada no *front matter*. Por outro lado, essa parte da obra traz orientações sobre ortografia e pronúncia, que parecem ser mais voltadas para não falantes ou para falantes de menonita sem conhecimento da escrita dessa língua (Thiessen, 2003). Na seção sobre morfologia, é explicado como funcionam questões de gênero gramatical, casos, pronomes, plural, declinações, conjugações e usos de diferentes tempos verbais e modos (Thiessen, 2003). Aqui provavelmente também se tem em mente um consulente não falante, pois esses elementos da língua já seriam de conhecimento de um falante, talvez apenas não nesses termos técnicos.

Por último, o *front matter* apresenta breves *format guidelines*, nas quais se explica o funcionamento da microestrutura do dicionário. Embora não sejam tão detalhadas quanto as do *Wörterbuch der obersächsischen Mundarten*, elas ainda se mostram bastante úteis. Isso se deve ao fato de que, apesar de também se tratar de um dicionário trilingue – ao menos em sua primeira parte –, a obra não se limita à apresentação de equivalentes, como ocorre no *Dicionário da Língua Westfaliana Brasileira*, mas inclui informações sobre classe gramatical e gênero, além de paráfrases explanatórias quando necessário para elucidar melhor o significado. Contudo, não fica claro por que apenas a primeira parte do dicionário é trilingue (menonita-alemão-inglês, como mostra a Figura 2), enquanto a segunda é apenas bilíngue (inglês-mennonita, Figura 3).

Figura 3 – Verbetes na parte inglês-menonita do Mennonite Low German Dictionary (2003)

adulation *n.* Schmeijchelei.
adulator *n.* Schmeijchla.
adult *n.* Erwossena.
adulterer *n.* Eehebrätja, Schintjeschwoaga.
adultery *n.* Eehebruch, Eehebrätjarie.
advance *v., n.* väärettje, väädrenje, Vääschoss.
advancement *n.* noh bowe vesatte soo aus biem Aumt.
advantage *n.* Väädeel.
advent *n.* Kohme, Advent ver Wiehnachte.
adventure *n.* eene jewoagde Unjanehmung, Beläwnis.
adventurer *n.* eena dee daut droppaun kohme lat.

Fonte: Thiessen (2003, p. 306).

Fica claro, entretanto, que os compiladores estavam pensando na diferença entre dicionário ativo e passivo, pois o uso de paráfrase ocorre na primeira parte. A segunda parte, por outro lado, tem uma microestrutura enxuta, apresentando geralmente apenas equivalentes – exceto quando eles não são suficientes ou não existem, como se pode ver na Figura 3. Essa disposição é interessante, pois indica um dicionário para falantes de menonita, não de inglês ou de alemão-padrão.

Dicionário Português-Renano (“Hunsrückisch”)

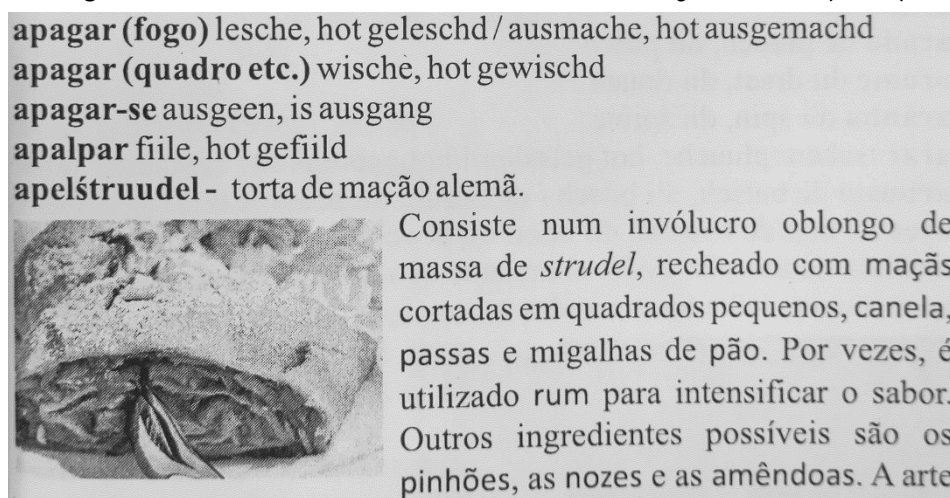
O *Dicionário Português-Renano (“Hunsrückisch”)* inicia com uma breve afirmação sobre o propósito da obra de ser tanto inclusiva – para pessoas que não fazem parte dessa cultura ou falam essa língua, mas têm interesse por ela – quanto potencializadora – procurando reafirmar o valor que essa língua e cultura tem para seus falantes (Kuster-Cid *et al.*, 2014). Fora isso, tem um *front matter* bastante curto: apenas um guia de pronúncia – que traz também questões de variação de pronúncia e escrita (Kuster-Cid *et al.*, 2014) –, o alfabeto da língua e uma explicação sobre a forma feminina dos substantivos presentes no dicionário, que estão todos no masculino.

O dicionário é unidirecional: vai apenas do português para o renano. Sem uma medioestrutura, apenas traz equivalentes para as palavras, separados por vírgula – para questões gramaticais, como conjugações e plurais – ou por barra – para acepções diferentes. Essa distinção é importante, mas para um dicionário que se apresenta como sendo para uso também de não falantes, não há nenhuma explicação sobre.

Os verbetes não contêm paráfrases explanatórias, somente equivalências; contudo, em diversos pontos, quando se trata de questões históricas, geográficas ou culturais, o dicionário traz imagens para ilustrar os verbetes, junto de informações enciclopédicas, como mostra a Figura 4. Sem informações sobre o uso das palavras nem distinção entre os equivalentes, a utilidade do dicionário pode ser limitada.

No final da obra, um curto *back matter* apresenta algumas listas de vocabulário de números, dias da semana e meses do ano.

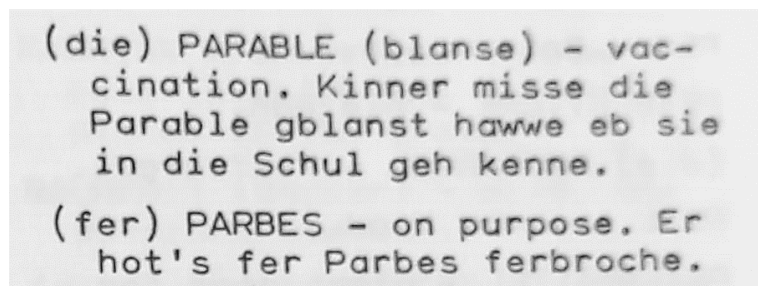
Figura 4 – Estrutura dos verbetes no *Dicionário Português-Renano* (2014)



Fonte: Kuster-Cid et al. (2014, p. 11).

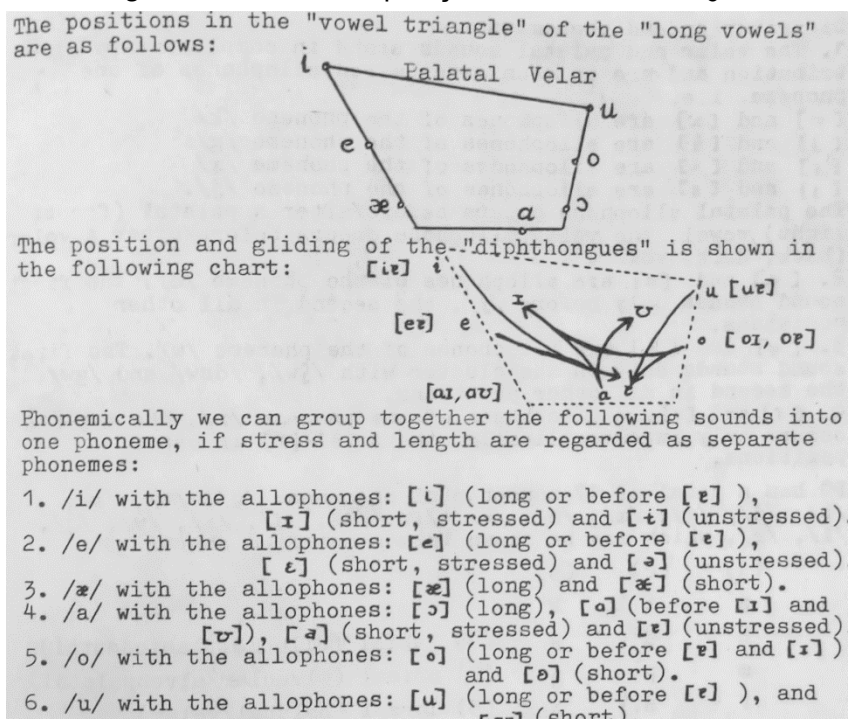
Abrided Pennsylvania German Dictionary

O *Abrided Pennsylvania German Dictionary* foi publicado em 1971 e afirma ser tanto para leitores alemães quanto estadunidenses. Apesar disso, não traz explicações em alemão, alegando limitações de tempo; essa questão não é tratada como um problema ou dificuldade, mas justificada pela defesa de que o alemão da Pensilvânia é similar ao alemão-padrão e de que muitos alemães, além disso, dominam o inglês (Beam, 1971). Dessa forma, por questões de tempo e espaço, as informações nos verbetes do *Abrided Pennsylvania German Dictionary* são breves, mas levam em consideração um dicionário anterior – *Pennsylvania German Dictionary* (1924) –, focando em palavras, variantes e expressões ausentes nele, além de trazer exemplos de frases (Beam, 1971; Figura 5).

Figura 5 – Verbetes com exemplos de frases no *Abrided Pennsylvania German Dictionary* (1971)

Fonte: Beam (1971, p. 77).

No prefácio, é explicado o contexto em que o dicionário foi criado, destacando que a ortografia do alemão da Pensilvânia nele presente procura representar a pronúncia dos falantes reais, que são bilíngues, logo, também falantes de inglês estadunidense, o que sem dúvida influencia o alemão. A ortografia utilizada na obra, portanto, se desvia da estabelecida com o *Buffington-Barba System* em 1939 (Beam, 1971) – questão que é explicada com mais detalhes na seção seguinte do dicionário, sobre ortografia e pronúncia. As explicações sobre a fonética e fonologia da língua são bastante teóricas, como mostra a Figura 6, e provavelmente não muito úteis para a maioria dos consulentes que estão aprendendo a língua sem uma base de conhecimentos em Linguística.

Figura 6 – Parte das explicações fonéticas e fonológicas

Fonte: Beam (1971, p. XI).

O dicionário é unidirecional (alemão da Pensilvânia-inglês), provavelmente pelas mesmas questões de tempo e espaço mencionadas no *front matter*. A microestrutura não traz indicações sobre classes de palavras. Gêneros são indicados pelo artigo entre parênteses antes do lexema, mas sem explicações sobre quais gêneros gramaticais a língua possui nem sobre a correspondência entre cada artigo e seu respectivo gênero (como no primeiro verbete da Figura 5) – informações que seriam importantes para um consulente que só fala inglês. Além disso, são indicados pronomes reflexivos, preposições etc. O dicionário também apresenta os contextos específicos em que certas palavras são usadas e quais verbos são exigidos por quais substantivos, ou quais preposições são necessárias (como no segundo verbete da Figura 5) – nesse caso, fornecendo informações importantes para um consulente que só fala inglês.

Vê-se que a obra precisaria de uma quantidade maior de informações para ser uma fonte mais completa, mesmo sendo um dicionário reduzido. Provavelmente um *front matter* um pouco mais detalhado, trazendo questões de gramática da língua, já resolveria.

Considerações finais

Alguns dos dicionários analisados precisam de uma melhor base teórica da Lexicografia para facilitar o seu uso; outros, de mais informações nos seus verbetes para que os consulentes realmente possam solucionar suas dúvidas. É importante que, durante a elaboração de um dicionário, seja bem definido o seu público-alvo, para que se possa, então, refletir sobre as competências linguísticas desse tipo de consulente e sobre as dificuldades que ele pode encontrar no contato com a língua. Tendo isso definido, fica mais claro quais informações – gramaticais, fonéticas, enciclopédicas, de uso etc. – devem ser incluídas tanto no *front matter* quanto na microestrutura, bem como na escolha das palavras para compor a macroestrutura.

Não se pode negar, contudo, os esforços empreendidos na elaboração de cada um dos dicionários aqui apresentados e sua importância tanto para a manutenção, promoção e equipagem das variedades linguísticas em foco quanto para o ensino de línguas e a propagação da cultura de matriz alemã. Mesmo que alguns tragam menos informações, cada palavra que esses dicionários apresentam é de grande valia para o conhecimento dessas línguas e das comunidades que as falam.

Referências

- AHLERT, Lucildo. **Dicionário da língua westfaliana brasileira: história e contos westfalianos**. Westfália: edição do autor, 2019.
- AHLERT, Lucildo. **Gramática da língua Westfaliana Brasileira: expressões do cotidiano dos westfalianos**. Lajeado: edição do autor, 2021.
- ALTENHOFEN, Cléo V. Bases para uma política linguística das línguas minoritárias no Brasil. In: NICOLAIDES, Christine et al. (org.). **Política e políticas linguísticas**. Campinas: Pontes Editores, 2013. p. 93-116.
- ALTENHOFEN, Cléo V.; MORELLO, Rosângela. Rumos e perspectivas das políticas linguísticas para línguas minoritárias no Brasil: entre a perda e o inventário de línguas. In: FARENZENA, Nalú (org.). **Atas do VI Encontro Internacional de Investigadores de Políticas Linguísticas**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2013. p. 19-26.
- ATKINS, Beryl; RUNDELL, Michael. **The Oxford guide to practical lexicography**. Oxford: OUP, 2008.
- BEAM, C. Richard. **Abrided Pennsylvania German Dictionary**. Kaiserslautern: Heimatstelle Pfalz, 1971.
- BERGMANN, Gunter et al. **Wörterbuch der obersächsischen Mundarten**: Band 3 L–R. Iniciado por Theodor Frings e Rudolf Große. Berlin: Akademie Verlag GmbH, 1994.
- BERGMANN, Gunter et al. **Wörterbuch der obersächsischen Mundarten**: Band 2 G–K. Iniciado por Theodor Frings e Rudolf Große. Berlin: Akademie Verlag GmbH, 2003.
- BUGUEÑO MIRANDA, Félix. O dicionário bilíngue como problema linguístico e lexicográfico. In: HWANG, Álvaro David; NADIN, Odair Luiz (org.). **Linguagens em interação III: estudos do léxico**. Maringá: Clichetec, 2010. P. 65-91.
- BUGUEÑO MIRANDA, Félix. A estruturação de um dicionário. In: BUGUEÑO MIRANDA, Félix; BORBA, Laura Campos de (org.). **Manual de (Meta)lexicografia**. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2019. p. 14-15.
- BUGUEÑO MIRANDA, Félix; FARIAS, Virginia Sita. Da microestrutura em dicionários semasiológicos do português e seus problemas (De la microestructura en diccionarios semasiológicos del portugués y sus problemas). **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, v. 9, n. 1, p. 39-69, 2011. DOI: 10.22481/el.v9i1.1138. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/1138>. Acesso em: 27 fev. 2025.
- DIENER, G. Walter. **Hunsrucker Wörterbuch**. Niederwalluf: Sändig, 1971.
- DUDEN. **Deutsches Universalwörterbuch**. Bibliographisches Institut: Mannheim, 2013.
- FARIAS, Virginia Sita. A definição. In: BUGUEÑO MIRANDA, Félix; BORBA, Laura Campos de (org.). **Manual de (Meta)lexicografia**. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2019. p. 120-123.

GOUWS, Rufus H. Dictionaries and access. In: FUERTES-OLIVERA, Pedro A. (org.). **The Routledge Handbook of Lexicography**. London: Routledge, 2017. p. 43-58.

HERRMANN-WINTER, Renate. **Neues hochdeutsch-plattdeutsches Wörterbuch**. Tostock: Hinstorff, 2017. Disponível em: https://niederdeutsche-literatur.de/dwn/mv/wb_mv_text-id.php?TEXT_ID=4 (versão digital). Acesso em: 2 dez. 2025.

KUSTER-CID, André et al. **Dicionário Português-Renano ("Hunsrückisch"). Portugiisch-Rhainisch ("Hunsrikisch") Werderbuch**. Marechal Floriano: Grafisana, 2014.

LEW, Robert. Identifying, ordering and defining senses. In: JACKSON, Howard (org.). **The Bloomsbury Handbook of Lexicography**. London: Bloomsbury Publishing, 2022. p. 251-266.

MÜLLER, Josef (org.). **Rheinisches Wörterbuch (RhWb). Im Auftrag der preußischen Akademie der Wissenschaften, der Gesellschaft für Rheinische Geschichtskunde und des Provinzialverbandes der Rheinprovinz**. Iniciado por J. FRANCK. Bonn: Klopp, 1928; Berlim, 1931-1971. v. 1-5. Disponível em: <http://woerterbuchnetz.de/RhWB/>. Acesso em: 27 fev. 2025.

RICHTER, Waldemar Laurido. **Dicionário Hunsrück**. Lajeado: Grupo A Hora, 2024.

SCHERER, Reinhard. **Hunsrücker Dialekt-Ausdrücke: mit einigen Ausdrücken des seinerzeitigen Viehhandels**. Holzbach: edição do autor, 2004.

SCHNEIDER, Alois. **Dicionário escolar conciso: português-pomerano, pomerisch-portugijsisch**. Porto Alegre: Evangraf, 2019.

THIESSEN, Jack. **Mennonite Low German Dictionary**. Madison: Max Kade Institute, 2003.

TRESSMANN, Ismael. **Dicionário enciclopédico pomerano-português. Pomerisch-Portugijsisch Wöirbauk**. Santa Maria de Jetibá: edição do autor, 2006.

TRESSMANN, Ismael. **Dicionário contemporâneo português-pomerano**. Joinville: Areia, 2024.

VON MÜHLEN, Fernanda. **Vitalidade e contatos linguísticos do vestfaliano na topodinâmica de ocupação do Vale do Taquari, Brasil**. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2025. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/289240>. Acesso em: 2 dez. 2025.

WALLAUER, Erno. **Dicionário Hunsriqueano-Português para os Bicentenários 1822-2022 e 1824-2024**. São Leopoldo: Oikos, 2022.